A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO PROCESSO DO ENSINO APRENDIZAGEM

ELAINE TEIXEIRA ALVES

RESUMO

A leitura na educação infantil no processo do ensino aprendizagem é uma abordagem no ensino infantil, fase das descobertas e aquisição de conceitos que mudarão uma vida acadêmica a seguir. A educação infantil incide no ensino das crianças antes da sua entrada no ensino obrigatório. É ministrada normalmente no período compreendido entre o zero e os quatros anos de idade de uma criança. Neste tipo de educação, as crianças são instigadas através de atividades lúdicas e jogos, para praticar as suas habilidades motoras e cognitivas, a fazer descobrimentos e a principiar o processo de alfabetização. A leitura como um apoio de aprendizagem, ordena uma cadeia de categorias adequadas à vida cotidiana escolar e pessoal de cada criança. Refletir em aprendizagem é ponderar o que ficou apontado no interno dos alunos, sendo assim de fato, não essencialmente a resposta da atividade como uma amostra de aprendizagem. O treinamento da leitura, no qual se oferece nas escolas, não vai afora de somente um dispositivo de símbolos que são respostas de normas estabelecidas pelo sistema de ensino. Assim sendo incumbe ao professor, tornar uma rotina de leitura prazerosa e com respostas de um aprendizado puro, que vai além da alma. Com uma mediação entre ler e escrever, o educador com certeza vai obter resultados positivos no desempenho de seu trabalho e, em especial contribuirá com a melhoria do processo ensino aprendizagem. A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, e o estudo evidencia que é justamente dentro deste processo que se torna importante que o leitor possa alcançar os objetivos que guiam sua leitura. A leitura e a escrita têm um papel muito importante na vida do aluno. É necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, os objetivos de realização imediata. A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, e é justamente dentro deste processo que se torna importante que o leitor possa alcançar os objetivos que guiam sua leitura. A formação de bons leitores e escritores deve ser um compromisso no ensino.

Palavras-chave: Leitura. Aprendizagem. Educação infantil.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo, pesquisar a importância da leitura infantil, num contexto do cotidiano escolar, como um processo de ensino aprendizagem.

Hoje em dia é um dos grandes desafios para os educadores, estimular o uso da leitura ainda na infância, ou seja, quando a criança estuda na educação infantil.

Como as instituições de ensino encaram os desafios sobre esse ponto da importância da leitura com crianças pequenas e ainda não alfabetizadas?

Nosso estudo requer que leitor reflita a respeito da prática de como professores possam motivar as crianças com o processo de ensino-aprendizagem interligado à leitura.

Com tudo, nossa fundamentação teórica será bibliográfica e irá se enraizar de como uma leitura simples e até mesmo dinâmica pode entusiasmar a criança, utilizando da prática pedagógica a partir das atividades com leituras e guiando-a às variações significativas para a ação educativa.

Abordaremos sobre o desenvolvimento sócio intelectual com o uso da leitura, pois nos envolveremos com o contexto escolar. Assim, o professor sendo o primeiro elo que embarcará o contato com as crianças, terá que investigar se o mesmo tem o gosto pela leitura ou não. Desde modo esse processo faz com que professor desperte ainda mais a curiosidade e o gosto pela leitura de seus alunos.

Citaremos estudiosos e autores que contribuíram para a nossa pesquisa, como Paulo Freire (1988), RCNEI (1988), Gisela Wajskop (1999), Ana Teberosky (2003), entre outros. Também contaremos com a Secretaria da Educação e instituições que apoiam o incentivo da leitura, como Natura, Itaú entre ou-

tros.

EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil fase de conhecer, explora, brincar e socializar com os demais, mas como a educação infantil está na atualidade, será que as transformações no mundo existente estão também presentes no cotidiano da educação infantil.

A educação infantil hoje deve acompanhar essas transformações com novas técnicas inovadoras e que estimulem a autonomia da criança com sua criatividade e olhar de mundo podem fazer com a arte seja uma disciplina importantíssima no seu desenvolvimento, apreciação e entendimento ao seu redor com as mais variadas formas de fazer arte.

Algumas escolas estão investindo no protagonismo da criança, onde todos os meios estão voltados em proporcionar, estimulações e conhecimento de mundo.

Professores que buscam meios e formas de se dedicar a essa fase tão importante que é considerado pelos educadores comprometidos como o início de um aprendizado de qualidade que se inicia na 1 fase da educação infantil e segue por muitos anos na sua vida acadêmica, familiar e na sua participação na sociedade.

Outro ponto importante é o contato da criança com as obras de arte. Quando isso ocorre com crianças que têm oportunidade de praticar atividades artísticas, percebe-se que elas adquirem novos repertórios e são capazes de fazer relações com suas próprias experiências. E, ainda, se elas também são encorajadas a observar, tocar, conversar e refletir... (FERRAZ & FUSARI, 1993, P.49).

As crianças são muito observadoras e tem uma concepção sobre artes que professor aborda sobre determinado assunto e a resposta do aluno surpreende, isso nada mais é do que a bagagem de mundo que o aluno possui.

Saber ler e escrever possibilita o sujeito do seu próprio conhecimento, pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento (Barbosa, 2013, p.19)

Só em 1988 a educação infantil teve a sua consideração, quando foi posta como componente complementar da Constituição, depois em 1990, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei federal 8069/90), entre os direitos estava o de atendimento em creches e pré-escolas para as crianças até os 6 anos de idade.

Falar da creche ou da educação infantil é muito mais do que falar de uma instituição, de suas qualidades e defeitos, da sua necessidade social ou da sua importância educacional. É falar da criança. De um ser humano, pequenino, mas exuberante de vida. (DIDONET, 2001).

Os Referenciais Curriculares Nacionais Da Educação Infantil distinguem diretrizes para que os professores possam direcionar suas aulas, com base nas leituras diárias, para crianças de educação infantil. São propostas de aulas que provocará o docente a preparar e esquematizar aulas de leituras de um modo prazeroso, como aponta abaixo:

A leitura pelo professor de textos escritos, em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, seja na sala, no parque debaixo de uma árvore, antes de dormir, numa atividade específica para tal fim etc., fornece às crianças um repertório rico em oralidade e em sua relação com a escrita. RCNE 1988 Pag. 13

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

omo afirma Barbosa (2013), as práticas pedagógicas são culturais, históricas e evoluem em função das necessidades sociais emergentes e do acervo de conhecimento disponível, acervo esse que permite a elaboração de uma nova teoria, capaz de justificar a nova prática necessária. Seu entendimento sofreu transformações significativas ao longo do tempo, implicando em novas pesquisas, metodologias e redimensionamentos.

A História da Educação no Brasil se deu desde o seu descobrimento. Dentre as ordens

religiosas existentes no período, a de maior importância foi a Companhia de Jesus, criada por Inácio de Loyola em 1540.
Os primeiros padres inacianos chegaram ao Brasil em 1549. Esta data é tida como marco do início da história da educação no Brasil.
A fundação de missões católicas escolas e seminários foram outra consequência do envolvimento dos jesuítas com a educação. Como os países e culturas onde os jesuítas permaneceram presentes eram muito distintos, seus procedimentos de evangelização mudavam de um lugar para outro.
No século XIX ainda havia no Brasil a intenção de criar as escolas religiosas, até mesmo por parte dos jesuítas, que retornaram após 80 anos. Dentre essas instituições encontram se o Colégio São Luís – SP 1867, o Colégio Caraça – MG 1820, Colégio Mackenzie – SP 1870 entre outros.
Soares (1985, p.21), citada por Krammer (1986, p.17), igualmente apontava um conceito de alfabetização o qual teria que ser:

Suficientemente amplo para incluir a abordagem mecânica do ler/escrever, o enfoque da língua escrita como meio de expressão/compreensão, com especificidade e autonomia em relação à língua oral, e ainda, os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita.

Estaria Magda Soares já se referindo ao letramento? Outros autores poderiam ser aqui citados, mas o que queremos salientar que neste contexto, a alfabetização é entendida como o processo de inserção da criança ao mundo cultural, ao conhecimento social diante de uma perspectiva de ensino que possa possibilitar a esta criança, o entendimento, o domínio e o uso da leitura no mundo ao qual se insere. E que nesta nova perspectiva, implica mudança no que se refere ao ensino da leitura.
A criança para interagir com outras pessoas, ter contato com muitos livros de diferentes gêneros disponíveis na sociedade e, principalmente, reproduzir os mesmos de nas mais diversas formas. Na medida em que o conhecimento recebe novos entendimentos e novas dimensões, principalmente quando é compreendida como um conhecimento importante para a sociedade e, também para a inserção da criança nesta sociedade, vai exigindo uma escola mais comprometida com este entendimento, o que implica em práticas adequadas e de profissionais preparados/engajados para dar conta desta aprendizagem.
Os educadores cientes de que o acesso ao mundo da leitura é em grande parte responsabilidade da escola, têm clareza sobre a necessidade de entender o mundo literário como um conhecimento complexo, pois, a eles cabe trabalhar as múltiplas possibilidades de uso da leitura na sociedade. Neste sentido, há um movimento (embora outros o questionem), de que as práticas de leitura devam ser orientadas de um modo que se promova a alfabetização juntamente com a perspectiva do letramento, assim como, entre outros pesquisadores, Soares (2001), defende o uso desse exercício.

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio a memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever: atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstancias, os objetivos, o interlocutor [...]. (SOARES, 2001, p. 92).

Analisando o conceito de leitura, agora já articulado ao ensino infantil- é importante analisar também, as contribuições de Paulo Freire, pioneiro em dar a essa ação um caráter político, havendo a necessidade de a mesma considerar a compreensão de mundo das relações políticas, econômicas e sociais, pois se aprende a ler e para poder participar nesta e desta sociedade como sujeito de direitos.

Embora os debates sobre esta visão de iniciação a leitura já estejam bastante evidenciados, pelo menos na teoria, ainda há profissionais que não buscam conhecer a realidade cultural dos sujeitos em ação, e continuam ao reducionismo de que ler para as crianças, marginalizando com isso a criança como sujeito protagonista e coautora deste processo de aprender a ler.

A Leitura, nesta nova perspectiva já não é mais tarefa exclusiva de único professor, mas é compromisso de toda a escola e também da própria sociedade. Atualmente o desafio é de que todos, em parceria, trabalhem juntos, produzindo didáticas de leitura que realmente ensinem e não permitam a criança sair da escola sem este conhecimento tão necessário para sua integração no mundo comandado pela linguagem.

Este questionamento se dá, geralmente pelos pesquisadores da infância que se preocupam com o aceleramento da própria infância. No entanto, observando várias escolas, e lendo outros autores, é possível perceber que o processo ocorre desta idade na Educação Infantil. Iniciar aos seis ou sete anos, não é problema, o problema está nas metodologias que estão adequadas ao modo da criança aprender. Os professores precisam com a experiência profissional e as formações continuadas, proporcionar um ensino de qualidade na busca de uma alfabetização esperada, desenvolvendo diferentes metodologias que instiguem a criança a desvelar/ se apropriar das diferentes linguagens.

Nos dias de hoje, nos perguntamos muito, qual a educação, aprendizagem que devemos trabalhar para o desenvolvimento da criança? Como devemos ensinar? São perguntas que o profissional junto com a escola, precisa responder e materializar estas respostas na construção de um currículo pautado nestes sujeitos, na elaboração de propostas metodológicas, buscando, questionando, para fluir no processo de ensino-aprendizagem.

A alfabetização precisa estar centrada na compreensão e comunicação, levando em conta o processo, modo de aprendizagem das crianças e de cada criança, pois como afirma Demo (2007, p.70):

"A questão fundamental é de aprendizagem a partir das crianças. Assim a leitura não pode ser ensinada para as crianças. A responsabilidade do professor não é a de ensinar as crianças a ler, mas a de tornar a aprendizagem possível. "

Independentemente do projeto que esteja sendo desenvolvido na escola, é importante que haja uma abertura para o professor e a criança desencadearem a alfabetização propriamente dita, desde que tenha sentido para a criança, pois isso é um cuidado profissional, ocorrendo segundo Pérez e Garcia:

De forma democrática, reflexiva e participativa que atribua ou transfira gradativamente para o aluno, a responsabilidade da construção do conhecimento, que ofereça aos alunos a possibilidade real de participar ativamente de sua própria aprendizagem, negociando, chegando a consensos e escutando suas propostas de atividades e projetos a serem realizados. (...) a criação subjetiva e a independência intelectual que abrem as portas para a transformação individual e coletiva. (1997, p.25)

Se considerarmos a realidade da sociedade contemporânea fica claro que apenas dominar mecanicamente a leitura não é suficiente, em razão disso surgem estes movimentos defendendo a necessidade de associar ao processo na perspectiva de fazer deste processo a aprendizagem de conhecimentos socialmente necessários.

É sabido de que a formação do leitor ou do escritor se inicia desde o seu processo de sua inserção no mundo comandado pela linguagem e, mais especificamente no período que estes conhecimentos, leitura e escrita, são objetos centrais da prática educativa, quando o ensino é direcionado intencionalmente para estas aprendizagens. Os defensores da inclusão do conceito de letramento advertem que não é a aquisição do sistema da escrita em si que desenvolve o intelecto, mas o seu uso na multiplicidade de funções. A escrita afeta a maneira de pensar nos processos de leitura, na interpretação, na dis-

cussão e na produção de textos.
O letramento é debate internacional e surgiu a partir das reflexões em torno do analfabetismo, quando se observou que embora as crianças saíssem da escola alfabetizadas, esta aprendizagem não lhes dava condições de inserir-se de forma efetiva na sociedade. Surge o letramento para dar continuidade ao processo que a criança já vinha construindo antes do ingresso da escola, pois vivia numa sociedade letrada e já interagia com várias linguagens disponíveis na sociedade e, também por conviver e interagir com pessoas que já lidavam com estas linguagens e suprir as faltas ou lacunas do processo de alfabetização.
Assim o letramento é o resultado de uma pesquisa sobre a situação do analfabetismo, vendo a necessidade de buscar uma aprendizagem mais efetiva, sólida e necessária aos tempos atuais. Em razão disso, a intenção não era o de substituir a alfabetização. Segundo Soares apud Carvalho (2005): no Brasil, os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se sobrepõem e frequentemente se confundem: Isso não é bom, pois os processos de alfabetizar e letrar, são específicos. Alfabetizar é ensinar o código alfabético, letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e da escrita (2003, p.5)
A autora (1998, p.20), ao explicar o surgimento da palavra letramento no vocabulário dos educadores brasileiro:

Só recentemente passamos a enfrentar essa nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso saber faze uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.

O letramento, para Kleimam (2007), tem como o objetivo a reflexão de ensino e da aprendizagem considerando os aspectos sociais da língua escrita. Assumir o letramento, segundo a autora, no espaço escolar é adotar o processo de alfabetização no processo social da escrita, em detrimento a uma concepção tradicional que considere a aprendizagem de leitura e produção textual, a um percurso de habilidades de aprendizagens individuais. Atividades que envolvem letramento, não se diferenciam das demais atividades de vida social, ou seja, são sempre atividades coletivas, cooperativas, envolvendo vários participantes e diferentes saberes. Ainda segundo a autora, letramento não é alfabetização, e sim um trabalho onde se estabelece as relações entre os fonemas, grafemas, um processo de estruturas linguísticas, é prazer, lazer, ler em lugares diferenciados, não só na escola, mas em exercícios de aprendizagem. Letramento é obter informações através de leituras de diferentes gêneros textuais, buscando da informação, buscar a leitura para seguir certas instruções, usar a escrita para se orientar no mundo, descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita. Por fim, letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.
Embora o debate sobre o letramento esteja avançando, ainda há autores que defendem que esta preocupação com o letramento é de certo modo exagerada. Assim Demo (2007, p.29), rebate este posicionamento reforçando o conceito de alfabetização de Paulo Freire e afirma que este movimento de continuidade e processo que os defensores do letramento fazem, também ocorre na alfabetização: Desde que se entenda a alfabetização como processo de ler o mundo, o que exige domínio do código, mas na condição de simples instrumento formal. O que importa é a habilidade de dar conta da realidade circundante pela via da interpretação e intervenção questionadoras, reconstrutivas.
Tomamos apenas dois autores para analisar a complexidade deste processo e defender que, nós professores e professoras, precisamos compreender estes debates e tomar decisões.
A sociedade precisa dar mais atenção à formação de cidadãos que saibam ler e apreciar a leitura de tal maneira que possam apropriar-se destas práticas sociais no seu cotidiano. É neste sentido que letramento se torna importante no processo de aprendizagem, não apenas na leitura e da escrita, mas também nas áreas do conhecimento que compõem o currículo escolar.
A tarefa de formar alunos leitores necessita

de professores envolvidos com a literatura desde o início. A Literatura Infantil é muito importante na formação do pequeno leitor, porque através dela a criança utiliza a imaginação provocada pela curiosidade, com isso amplia o conhecimento do mundo.
Partindo do pressuposto de que a experiência da narrativa ficcional e da poesia deve anteceder a aquisição do código da escrita, antes de saber ler, a criança já pode conhecer – se lhe são contadas histórias, recitados poemas, cantadas cantigas – alguns gêneros da literatura. Este é um dado importante quando se pensa na formação de leitores, sobretudo na faixa da Educação Infantil.
Pois, as histórias que ficam da infância não são somente aquelas que lemos por conta própria, mas também aquelas que nos foram contadas. Neste caso a memória guarda, além da história e seus personagens, a voz de quem contou, sua entonação, seus gestos, sua emoção. Ao contrário do que se imagina, os dois modos de conhecer as histórias, ler e ouvir, são experiências que prosseguem pela vida toda, mesmo depois de adultos. Sendo assim, prática de leitura se refere ao ato de ler uma história para as crianças, pois não se pode fazê-lo de qualquer jeito. Antes de ler para elas, o livro precisa ser lido pelo professor.
No desenvolvimento do interesse das crianças pela leitura de literatura infantil é importante incluir a leitura como rotina escolar, de modo que as crianças saibam onde se sentar, o que fazer, como se comportar e em que momento vai acontecer a leitura. Sendo assim, cabe ao professor iniciar desde cedo um trabalho interessante, desafiador e prazeroso com a literatura infantil de modo que as crianças despertem o gosto pela leitura.
É importante lembrar que a função mais importante do livro infantil é despertar interesse e o imaginário da criança. Não se pode esquecer que em virtude de sua origem e trajetória estreitamente ligadas à escola, até hoje a literatura infantil não perdeu suas características pedagógicas.
Muitos autores insistem em escrever histórias de sementinhas, nuvenzinhas, gotinhas d'água, crisálidas transformadas em lindas borboletas que, no fundo, não passam de aulas de Ciências ou lições de higiene, disfarçadas em literatura infantil. Esses livros poderão até ter a sua utilidade quando o professor desejar passar informações específicas sobre germinação, ciclo da água..., nunca quando a proposta é levar à criança a verdadeira literatura.
Por fim, é preciso lembrar que a boa literatura independe de rótulos: a boa literatura infantil é aquela capaz de encantar leitores de todas as idades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso tem por finalidade explorar as rotinas escolares no que se refere a momentos de leitura e que favoreçam a abordagem e contribua para futuros apreciadores de boa leitura em todo o decorrer de sua vida acadêmica e fora dela.

Momentos de leitura dentro e fora das unidades escolares, mesmo sendo do lado externo sendo influenciados por procura de boas referências para apreciação conjunta família, escola e alunos.
A leitura pode permitir a pessoa alcançar sua autonomia cognitiva ao conquistar a sua cultura e informações que admitam a construção de conhecimento de mundo.
Proporcionar esses momentos são essenciais e muitos influenciáveis, mas eu devo ser bem abordada por todos.
Esse sempre será um tema com um vasto enredo de observações e provocações no âmbito escolar, por causa de sua amplitude no eu diz respeito o que fazer, como fazer e como está sendo direcionado.
Família é o primeiro grupo social no qual o pequeno cidadão, ao nascer, passa a pertencer. Cabe a seus membros, principalmente aos pais, suprirem as necessidades básicas da criança: físicas, emocionais, culturais.
O segundo grupo ao qual o indivíduo passa a fazer parte, e não menos importante, é a comunidade escolar. Nessa fase, a criança inicia novos aprendizados. Além de compartilhar os conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, os professores promovem atividades visando o coletivo, o exercício da cidadania e o desenvolvimento do espírito crítico, complementando a formação da criança.

Sendo assim, seja o professor, o educan-

do que fazem o uso da leitura, se tornará um forte aliado ao mundo que nos cerca, gerará confiança em si mesmo, e atuará em um âmbito de cultura e informação.
Ler para uma criança faz toda diferença, na sua formação, aquisição, cultura e socialização.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. e WAJSKOP, G. Leitura e escrita in: educação infantil: creches: atividades para crianças de zero a seis anos. São Paulo: Moderna, 1999.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Ática, 1987.

BARBOSA: José Juvêncio. Alfabetização e Leitura. São Paulo: Cortez, 2003

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. Conhecimento de Mundo. Referencial curricular nacional para a educação infantil. V. III. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia; FERREIRA, Isabel M. Creches e pré-escolas no Brasil. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e Letrar: Um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis: Vozes, 2005.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Isabel Pereira; MARTINS, Raquel Marcia Fontes. Alfabetização e letramento na sala de aula. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2009.

DEMO. Pedro. Leitores para sempre. Porto Alegre, 2ed. Porto Alegre: Mediação,2007.

DORNELES, Leni Vieira. A produção de sujeitos alfabetizados. In. DALLA ZEN, Maria I.H, XAVIER, A, Luísa <. (orgs). Alfabeletrar: fundamentos e práticas. Porto Alegre:Mediadora,2010.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

MOREIRA. M. A. Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

MOREIRA, M. A.; VALADARES, J. A.; CABALLERO, C.; TEODORO, V.D. Teoria da Aprendizagem significativa. Contributos do III Encontro Internacionalsobre aprendizagem significativa. Peniche, 2000.

MOREIRA, Marco Antônio. Mapas conceituais e aprendizagem significativa. Instituto de Física, Porto Alegre, 2005, UFRGS.

SILVA, Ezequiel Theodoro da - LEITURA NA ESCOLA E NA BIBLIOTECA. São Paulo: Papirus, 1986.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. Ed.- Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 1999.